

TEXTO COLETIVO - CONVIVÊNCIAS URBANO

Coordenador: SINARA SANTOS ROBIN

Autor: Edson Mendes da Silva Junior

O objetivo do Programa Convivências é possibilitar - aos acadêmicos, professores e técnicos administrativos da Universidade - o contato com realidades ainda não experienciadas por eles. De certa forma, é propor que eles se permitam conviver com pessoas que estão à margem da sociedade ou que são marginalizadas por fazerem parte de movimentos que contestam determinadas disparidades sociais. Nesse sentido, elaborou-se um projeto que visava à realização de atividades junto a população de adultos, em situação de rua, e a assentados do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. No que tange a nossa participação no programa, fomos alocados no Convivências Urbano, atividade extensionista realizada em um período de dez dias (de 13 a 23 de Julho de 2009). Propiciado pelo Departamento de Educação e Desenvolvimento Social - DEDS/PROEXT/UFRGS, desenvolvemos a ação de extensão prioritariamente no Restaurante Popular da cidade de Porto Alegre, RS. Ao longo de dois dias, entre 13 e 14 de Julho, tivemos uma sucinta formação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS) para adentrarmos em um universo já naturalizado por nós. Dentre os dias 15 e 23, do mesmo mês (durante o turno matutino, compreendendo 4 horas diárias), realizamos - junto a adultos em situação de rua e que participam do projeto Começar de Novo - ações/intervenção por meio das seguintes oficinas: Alimentação/Cozinha; Biblioteca; Oficina de Artesanato; Oficina de Sabão; Oficina de Construção Civil; Oficina de Eletrônica e Oficina de Reciclagem - o que modificou nossa percepção em relação a tal grupo, bem como nos levou a conclusão de que a aproximação do ambiente acadêmico à realidade das ruas só tende a aprimorar a formação do conhecimento e adicionar informações sobre questões práticas, muitas vezes confrontadas; mas não compreendidas ou solucionadas. Outrossim, em um primeiro momento, houve um estranhamento vislumbrado por ambas as partes - alunos e adultos em situação de rua. O nosso estranhamento se caracterizou na forma como estávamos acessando aquele espaço, um espaço que não se quer físico, mas sim rico de signos e símbolos, construído a partir da interação entre aqueles que identificamos como o "outro" e os que possuíam uma posição dita privilegiada, o "nós". Isso ficou claro na maneira como nos portávamos diante daqueles que seriam fundamentais para a concretização da prerrogativa do programa, a convivência. De maneira mais clara, nos posicionamos de modo a evitar qualquer tipo de contato físico, não por

haver nojo em relação ao toque, mas por existir a "ilegitimidade" do toque naquele momento. Em uma situação diferente da experienciada, permitimo-nos tocar e sermos tocados. Este movimento não nos causa nenhum tipo de refutação, pois já faz parte do tipo de relação que estabelecemos com os nossos "iguais", pares. Porém, quando a situação, na qual nos encontramos, é completamente adversa da qual estamos acostumados a lidar diariamente, emerge daí um sentimento de negação do que se apresenta como novo para nós. No entanto, ao nos permitirmos tal reciprocidade - tocar e sermos tocados, aquilo que era dado como "ilegítimo" se reveste da mesma "permissividade" que transforma o profano em sagrado. Não obstante, o olor e a comida preparada por eles também se configuravam como barreiras a serem suplantadas por nós. No que diz respeito ao cheiro, atentamos para o fato de que ele seria uma constante durante os dias em que estaríamos ali. Sendo assim, por mais que o odor fosse uma barreira pulsante, que constantemente entrava no jogo da interação - para delimitar de quem iríamos nos aproximar, ele foi solapado à medida que nos permitimos estar com aquelas pessoas, compreendendo a situação em que elas se encontravam. O que sentimos em relação à comida se confundiu ao sentido em relação ao toque. Não estava em jogo a maneira como eles a preparavam: se tinha ou não higiene. Mas relacionava-se intimamente com quem estava a prepará-la - o "outro", ainda não "experimentado", que só se realizou, como resultado de um "encontrar-se a si próprio", a partir do momento em que nos permitimos estar no lugar dele. Sem cair numa análise valorativa, acreditamos que o estranhamento por parte deles traduziu-se pela desconfiança em relação a nossa presença. Indo um pouco além, podemos creditar esta desconfiança ao fato deles se enxergarem como sendo apenas um meio de ascensão política para aqueles que se aproximam com intuito de ajudá-los (de alguma forma). Contudo, solapadas as primeiras impressões, notamos que, ao depositarem expectativas em torno do programa e da convivência que estabeleceríamos naquele local, eles nos acolheram - foi uma troca de confiança; o início de uma amizade: Cara, eu vejo esse trabalho que vocês tão fazendo... Eu vejo assim... Pelo que eu sinto, a gente tá fazendo um tipo de uma experiência. Vocês estão conhecendo nós, e nós estamos conhecendo vocês. Isso é uma coisa legal. Porque agora a gente tá tendo esse momento aqui do projeto. Mas se a gente tá na rua... Eu vejo assim né? Enquanto a gente tá aqui, a gente tá freqüentando uma atividade e não tá pensando em bobagem. Bobagem que eu digo é o seguinte. De repente digamos que nós não estamos no projeto e que estamos na rua. Aí tu não tem uma atividade pra fazer, e tu já fica pensando em bobagem. Tipo assim... Peguei uma grana ali. Bah! Sempre tem um né? "Vamo lá fumar. Vamo lá fumar uma pedra." E aí é o seguinte, eu to aqui no projeto, eu to me envolvendo com algumas

atividades, e eu não to pensando em bobagem. Eu acho uma coisa legal. Super legal isso aí. E a convivência que a gente tá tendo. Fora o projeto (Começar de Novo), a gente tá tendo umas pessoas que apóiam nós, que nem vocês, que estão acompanhando aí. Isso eu acho muito legal. Em suma, discorrer a respeito da experiência, empreendida no programa Convivências, é mais do que fazer uma mera citação do que foi visto e feito durante os dias em que estivemos participando do projeto. Em linhas gerais, é escrever acerca do que descobrimos acerca de nós mesmos e do universo que nos cerca. É falar do modo como encontramos o "outro" e de como passamos a encarar aquelas pessoas. É não esquecermos que limites existem e que cada um tem o seu, mas que, acima de tudo, permitir-se é necessário, quando isso não se configura como uma violência desnecessária ao jogo da interação social.